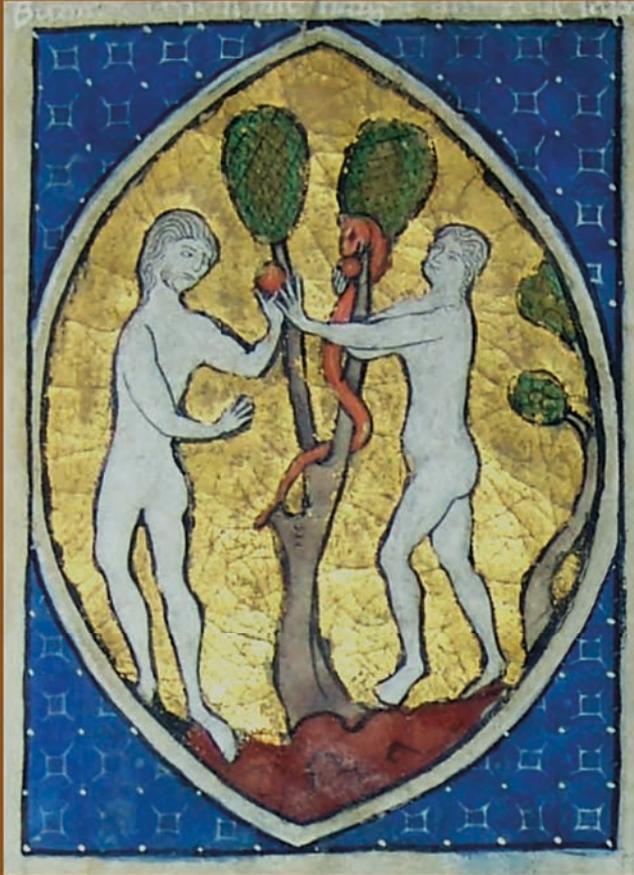


Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES



Edited by
José Meirinhos, Celia López Alcalde and João Rebalde

Barcelona - Roma
2017

Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES



FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES INSTITUTS D'ÉTUDES MÉDIÉVALES

Présidents honoraires :

L. E. BOYLE (†) (Biblioteca Apostolica Vaticana et Commissio Leonina, 1987-1999)

L. HOLTZ (Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, Paris, 1999-)

Président :

J. HAMESSE (Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve)

Vice-Président :

G. DINKOVA BRUUN (Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto)

Membres du Comité :

A. BAUMGARTEN (Universitatea Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca)

P. CAÑIZARES FÉRRIZ (Universidad Complutense de Madrid)

M. HOENEN (Universität Basel)

M. J. MUÑOZ JIMÉNEZ (Universidad Complutense de Madrid)

R. H. PICH (Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre)

C. VIRCILLO-FRANKLIN (Columbia University, New York)

Secrétaire :

M. PAVÓN RAMÍREZ (Centro Español de Estudios Eclesiásticos, Roma)

Éditeur responsable :

A. GÓMEZ RABAL (Institución Milá y Fontanals, CSIC, Barcelona)

Coordinateur du Diplôme Européen d'Études Médiévales :

G. SPINOSA (Università degli Studi di Cassino)

Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES.

PROCEEDINGS OF THE 5th EUROPEAN CONGRESS OF THE FÉDÉRATION
INTERNATIONALE DES INSTITUTS D'ÉTUDES MÉDIÉVALES
(PORTO, 25th TO 29th JUNE 2013)

Edited by

José MEIRINHOS, Celia LÓPEZ ALCALDE and João REBALDE

Barcelona - Roma
2017

Volume published with the support of the Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) – strategic project of the Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Ref. UI&D/Fil/00502).



ISBN: 978-2-503-57745-6

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise, without the prior permission of the publisher.

© 2017 Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales.
Largo Giorgio Manganelli, 3
00142 Roma (Italia)

In memoriam
Oliviae Remie Constable

TABLE OF CONTENTS

José MEIRINHOS, Preface	XI
<i>Scientific Reading Committee of the Proceedings and Congress Committees</i>	XV
PLENARY LECTURES	
Catarina BELO, Theories of Prophecy and the Faculties of the Soul in Medieval Islamic Philosophy	3
Peter BILLER, Heretics Doing Things Secretly	15
Pascale BOURGAIN, <i>Non sine mysterio</i> . Percevoir et exprimer le secret des desseins de Dieu	27
Enrique MONTERO CARTELLE, María de la Concepción VÁZQUEZ DE BENITO, El descubrimiento de una falsedad: el <i>De stomacho</i> de Constantino el Africano y su fuente árabe	41
SECTION PAPERS	
Nature and Knowledge	
Constantin TELEANU, La découverte démonstrative des secrets au moyen de l' <i>Ars inventiva</i> de Raymond Lulle	63
Isabel MATA, Conocimiento y vida en una lápida hispanohebrea medieval	83
Prophecy and Eschatology	
António REI, Profetismo moçárabe e/ou ideologia prospetiva neo-goda (sécs. VIII-XI)	101
Oscar PRIETO DOMÍNGUEZ, Profecías de Muerte en la Grecia Medieval: elementos para la identificación de una escuela hagiográfica	113
Helena Avelar de CARVALHO, Prophecy and Divination in the Portuguese Royal Court	127
Relics and Secrecy	
Susana GALA PELLICER, Secretos a voces: teatralidad y escenografía de las reliquias en el <i>Decamerón</i> y los <i>Cuentos de Canterbury</i>	141
María Isabel CABRERA RAMOS, La Sagrada Lanza: un dilema milenario entre la fe y la historia	155
José SOTO CHICA, El emperador Heraclio, el verdadero Monte Ararat y las reliquias de Noé	167
Secrets of the Religious Life	
Alfonso GARCÍA LEAL, Las visiones de Suero: la leyenda fundacional del monasterio de Corias	175
Maria Amélia Álvaro de CAMPOS, Um segredo mal guardado? O papel das sargentas na vida dos beneficiados de Santa Justa de Coimbra (séculos XIV e XV)	187

Ciro ROMANO, Nel segreto del chiostro: spunti di vita quotidiana in un monastero femminile nella Napoli tardo medievale	199
Government and Diplomacy	
Luigi Andrea BERTO, Segreti a Venezia nell'Alto Medioevo. La visita di Ottone III e il «codice segreto» della «Istoria Veneticorum» di Giovanni Diacono	213
Abel ESTEFÂNIO, From Secrecy to Oblivion and from Discovery to Loss: What is Left of the Renowned «Pacto Sucessório»?	223
Arnaud FOSSIER, What Exactly is the <i>forum confessionis</i> ? Secrecy and Scandal in Church Governance (12 th -14 th centuries)	237
James PLUMTREE, Sex, Lies, and Visitations: Secrets and Discovery in the Registers of John Waltham and John Chandler	247
Woman's Secrets	
Sara SEGOVIA ESTEBAN, <i>Verentur enim narrare mulieres</i> : Female Disease as a Cause of Embarrassment	261
Dulce María GONZÁLEZ DORESTE, Francisca del Mar PLAZA PICÓN, «Mulierem ornat silentium». El secreto y la instrucción de las mujeres en algunos tratados medievales	269
Medieval Arts	
Maria Leonor BOTELHO, <i>Dominus Exercituum</i> . Apotropaic Guardians at the Thresholds of Portuguese Churches of the Romanesque Period	285
Marta Miriam Ramos DIAS, A Morte e o Além – a incerteza do destino da alma na arte funerária medieval	297
Unknown Worlds and Travel Literature	
Maila GARCÍA-AMORÓS, La leyenda artúrica, Bizancio y el comercio alejandrino: una relación desconocida	311
Thomas HORST, The Secrets of Terrestrial Paradise on Medieval Iconography	319
Carlos MARTÍNEZ CARRASCO, Axūm, el Reino del Preste Juan: entre el Cristianismo y el Islam	337
Literary Secrets	
Eduarda RABAÇAL, O segredo e a queda do mundo arturiano	351
Sofia BALIBREA GONZÁLEZ, Le silence de Grisélidis dans <i>Le Mesnagier de Paris</i>	361
Carla Sofia dos Santos CORREIA, Segredo e descoberta na poesia galego-portuguesa e no <i>Amadis de Gaula</i>	371
Philology and Texts' Transmission	
Mercè PUIG RODRÍGUEZ-ESCALONA, M. ^a Antonia FORNÉS PALLICER, El proceso legal contra la falsificación de documentos en la Cataluña altomedieval: el obispado de Elna contra Ermel·la (año 1000)	381
Pere J. QUETGLAS, Ana GÓMEZ RABAL, Vicios ocultos y virtudes públicas. Lo que se esconde detrás de la documentación latina medieval catalana	391
Marta CRUZ TRUJILLO, Fuentes ocultas en el manuscrito 981 de la Abadía de Montserrat	401
Antonio ESPIGARES PINILLA, Un florilegio bíblico junto a las <i>Auctoritates Aristotelis</i> en el manuscrito BNE 3057	415

Discovering the Classics

- Cristina MARTÍN PUENTE, José Ignacio ANDÚJAR CANTÓN, El (re)descubrimiento de la figura de Ovidio en la Edad Media 431
- Pilar SAQUERO SUÁREZ-SOMONTE, Ovidio en el Medievo hispánico: un nuevo y completo manuscrito del *Bursario* y de una de las cartas originales (*Madreselva a Mauseol*) de Juan Rodríguez del Padrón 445
- Susanna ALLÉS TORRENT, Humanistas y descubrimientos de códices clásicos: la dimensión épica 453

Index

- Index of the Manuscripts 467
- Index of Ancient, Medieval and Renaissance Authors 469
- Index of Modern and Contemporary Authors 475

MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS*

UM SEGREDO MAL GUARDADO? O PAPEL DAS SARGENTES NA VIDA DOS BENEFICIADOS DE SANTA JUSTA DE COIMBRA (SÉCULOS XIV E XV)

Actualmente caído em desuso, o substantivo sargente, derivado do termo latino *serviens, servientis*, é sinónimo de servente. E é por este nome que encontramos identificada, na documentação dos séculos XIV e XV, a maioria das mulheres que trabalhavam em casa dos beneficiados da colegiada de Santa Justa de Coimbra¹.

Em primeira análise, o reconhecimento destas mulheres na documentação da igreja remete-nos para a identificação de um grupo profissional tradicionalmente feminino, que, trabalhando em casa de outrem, se ocupava da execução dos serviços domésticos e do aprovisionamento do lar². No entanto, o enquadramento das referências a estas mulheres e a reconstituição das situações que vivenciaram junto desses eclesiásticos permite-nos perceber relações que extravasavam o mero vínculo profissional. Com este estudo pretende-se, precisamente, apurar a natureza de tais ligações e, assim, contribuir para o aprofundamento de temas relacionados com a história da vida privada do clero secular português, na Idade Média.

Centrando-nos na comunidade da colegiada de Santa Justa de Coimbra³, principalmente entre os séculos XIV e XV, apresentaremos o enquadramento social dos seus elementos e estudaremos a existência, no seu seio, de relações de concubinato eclesiástico. Partindo dessa questão, aperceber-nos-emos da existência de herdeiros desses religiosos e estudaremos as estratégias de transmissão de património, postas em prática. Por outro lado, importa-nos enfatizar a forma como estas relações são mencionadas na documentação em estudo. É que os contextos em que estas mulheres eram nomeadas deixam entrever realidades diferentes das que se registavam. Existem, portanto, meias verdades, relações silenciadas ou, como lhes decidimos chamar no título, segredos mal guardados.

No final desta exposição, apresentaremos dois estudos de caso que nos permitem ilustrar tais situações. Não esquecendo a necessidade de uma análise globalizante para

* Universidade de Coimbra; melicampos@gmail.com

¹ Estas são designadas por sargentes em cerca de 70% dos casos. No entanto, podemos encontrar também a designação de criada. Este tema foi por nós abordado, de forma superficial, num trabalho anterior, vid. M. A. CAMPOS, «A mulher da paróquia de Santa Justa de Coimbra na Baixa Idade Média: o retrato possível das suas ocupações, relações e afectos», in J. SOLÓRZANO TELECHEA – B. ARIZAGA BOLUMBURU – A. ANDRADE (eds.), *Ser Mujer en la Ciudad Medieval Europea*, Instituto de Estudios Riojanos, Logroño 2013, pp. 215-232, especialmente as páginas 221-223 (em linha: http://www.academia.edu/4862793/A_mulher_da_paroquia_de_Santa_Justa_de_Coimbra_na_Baixa_Idade_Media_o_retrato_possilvel_das_suas_ocupacoes_relacoes_e_afectos).

² Vid. A. CAMPO GUTIÉRREZ, «Mozas y mozos sirvientes en la Zaragoza de la segunda mitad del siglo XIV», *Aragón en la Edad Media*, XIX (2006) 97-111.

³ Este estudo assenta em fontes provenientes do fundo arquivístico medieval da colegiada de Santa Justa de Coimbra, guardado em Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (citado doravante por ANTT, Col. S. Justa).

uma leitura mais conclusiva, este trabalho assentará no estudo individualizado das relações que, no cabido em causa, apresentam esses contornos.

1. ALGUMAS NOTAS SOBRE O CONCUBINATO ECLESIAÍSTICO

Como já se pôde perceber na introdução, este estudo assenta no pressuposto de que a designação de sargente tenha servido, em grande medida, para camuflar uma relação de coabitação, semelhante à de conjugalidade, a qual era proibida aos clérigos de ordens sacras.

Para a teologia cristã, a continência sexual era necessária à salvação da alma de todos os fiéis⁴. Como a maioria não conseguiria conservar esse estado de pureza, a Igreja cedo estabeleceu os contornos da relação sexual legítima e permitida pela Igreja. Esta assentava, principalmente, na monogamia e tinha como objectivos únicos a procriação e a educação dos filhos na fé cristã. Só no século XI, os reformadores da Igreja sacramentariam o casamento que deveria ser monogâmico, contraído de livre vontade, exogâmico e indissolúvel⁵.

Ora, até ao século IV, também os clérigos se regiam por este princípio. O celibato era uma honra sem ser necessariamente obrigatório. A partir desse século, mais precisamente do Concílio de Elvira, realizado por volta do ano 300, apoiada nas palavras de S. Paulo e no dogma, até hoje pouco fundamentado, do celibato dos apóstolos, a Patrística da Igreja começou a defender a abstinência de todos os que fossem investidos de ordens sacras, ou seja dos que tivessem a seu cargo o ofício do altar.

No Ocidente, foram vários os concílios de onde saíram directrizes no sentido de reforçar o princípio do celibato eclesiástico. Nos séculos XI e XII, nomeadamente no contexto da Reforma, os papas Leão IX (1073-1085), Gregório VII (1073-1085), Urbano II (1088-1099) e Calisto II (1119-1124) legislaram, vigorosamente, contra os violadores do celibato, obrigando os sub-diáconos, os diáconos e os sacerdotes a renunciarem às suas relações com esposas ou concubinas, sob pena de serem excluídos da hierarquia da Igreja. Normas estas que seriam reformuladas e, na sua essência, reiteradas, em numerosos concílios posteriores. De resto, a recorrente desobediência face a este cânone, verificada principalmente nos séculos XIV e XV, levaria a que este fosse um dos males corruptores das estruturas da Igreja, debatidos em Trento (1545-1563)⁶.

⁴ A sexualidade era vista como um pecado capital que deveria ser evitado e a maldade inerente ao prazer sexual explicava-se por este derivar do pecado original. Sobre a visão do pecado na Idade Média, vid. J. SOTO RÁBANOS, «Visión y tratamiento del pecado en los manuales de confesión de la Baja Edad Media Hispana», *Hispania Sacra*, 58/118 (julio-diciembre 2006) 411-447 e C. SEGURA GRAIÑO, «El pecado y los pecados de las mujeres», in A. CARRASCO MANCHADO – M. RÁBADE OBRADÓ, *Pecar en la Edad Media*, Sílex, Madrid 2008, pp. 209-226.

⁵ Sobre estes aspectos, vid. I. BAZÁN DÍAZ, «El modelo de sexualidad de la sociedad cristiana medieval: norma y transgressión», *Cuadernos del CEMyR*, 16 (diciembre 2008) 167-191; J. MATTOSO, «A sexualidade na Idade Média portuguesa», in *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*, Temas e Debates, Lisboa 2009, pp. 15-38; A. OLIVEIRA, «A sexualidade», in J. MATTOSO (dir.), *História da Vida Privada em Portugal*, B. SOUSA (coord.), *Idade Média*, Temas e Debates, Lisboa 2011, pp. 324-347.

⁶ Sobre o tema do celibato eclesiástico, a sua fundamentação e a forma como foi abordado ao

A determinação e a imposição das normativas conciliares chegava às igrejas locais, sobretudo através das constituições sinodais. A frequência com que este tema era abordado nos sínodos não deixa dúvidas quanto à persistência do problema, numa cronologia de longa duração. No arcebispado de Braga, durante a Idade Média, podemos identificar esta discussão desde 572 a 1505⁷.

Numa leitura global dos registos dos sínodos bracarenses, entre os séculos XIII e XV⁸, notamos que, inicialmente, os arcebispos apelavam ao fim das relações de concubinato, ameaçando com a suspensão do benefício para os clérigos e a excomunhão das concubinas⁹. Mais tarde, o clérigo desobediente era ameaçado com a possibilidade de ser preso e a obrigatoriedade de pagar multa¹⁰. Em 1430, invocava-se a continência como a única forma de preservar a pureza necessária à consagração do «santo e verdadeiro corpo e sangue de Cristo»¹¹. Do mesmo modo, chamava-se a atenção para dois perigos perante a comunidade dos leigos, por um lado o do escândalo que tal situação lhes provocava, por outro o da banalização desse pecado, por tão frequente que era. Por fim, em 1477, pede-se a intercessão de Deus para que todos os que viviam em pecado se esforçassem por viver, doravante, honestamente¹².

Encarregue do ofício do altar, o sacerdote ou os restantes clérigos maiores deveriam diferenciar-se, neste caso, pela pureza necessária à administração dos sacramentos, desde logo a Eucaristia. Para além desta preocupação, os sínodos da Igreja portuguesa revelam também como a gravidade deste pecado se exacerbava pelo seu carácter público. Ideia que se depreende da utilização de expressões como «concubinas publicas»¹³, «barregãs publicas»¹⁴, o «pestífero, maldicto e publico concubinato»¹⁵.

longo da história da Igreja, vid. A. VACANTE – E. MANGENOT (publ.), *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Letouzey et ané éditeurs, Paris 1905 s.v. «Célibat»; F. CABROL (publ.), *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, Letouzey et ané éditeurs, Paris 1909 s.v. «Célibat»; J. SÁNCHEZ HERRERO, «Amantes, barreganas, compañeras, concubinas clericales», *Clio & Crimen*, 5 (2008) 106-137.

⁷ O estudo sistemático dos assuntos debatidos nos sínodos de Braga (nos séculos VI-XVI) foi feito por M. J. BRANCO, «Norma e desvio: comportamentos e atitudes face ao sagrado na diocese bracarense (séculos VI-XVI)», *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Congresso Internacional. Actas*, vol. II/2, *A Catedral de Braga na História e na Arte (séculos XII-XIX)*, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia de Braga, Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga 1990, p. 144.

⁸ Vid. A. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon Hispanum*, vol. II: *Portugal*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1982.

⁹ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 12, referente às constituições números 5 e 6 do Sínodo de D. Frei Telo (5 de Dezembro de 1281).

¹⁰ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 50, referente à constituição número 8 do Sínodo de D. Gonçalo Pereira (6 de Setembro de 1333).

¹¹ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 67, referente à constituição número 1 do Sínodo de D. Fernando da Guerra (1 de Junho de 1430).

¹² Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 133 referente à constituição número 60 do Sínodo de D. Luís Pires (11 de Dezembro de 1477).

¹³ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., pp. 12 e 67.

¹⁴ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 50.

¹⁵ Vid. GARCÍA Y GARCÍA (dir.), *Synodicon*, op. cit., p. 133.

As normativas eclesiásticas cedo foram reforçadas pelo controlo da justiça régia que, a partir do reinado de D. Afonso III, passaria a legislar, inicialmente, contra a barregania dos leigos¹⁶ e, paulatinamente, contra a barregania clerical. Neste último campo, a dinastia de Avis seria especialmente rígida, promulgando leis e estabelecendo penalizações para os clérigos concubinários, nunca antes previstas pela justiça secular¹⁷. Mas as normativas e os castigos régios contra as mulheres que acompanhavam estes clérigos já se faziam sentir em período anterior, surgindo, desde logo, por entre o clausulado dos forais promulgados pelos nossos primeiros reis¹⁸.

A insistência da justiça eclesiástica e secular em corrigir estes desvios à norma estabelecida constitui, em primeira instância, a prova cabal de como esta nunca foi inteiramente respeitada. Por essa razão, são vários os trabalhos que nos dão conta da prática do concubinato clerical na Baixa Idade Média portuguesa¹⁹, mas também nos outros reinos peninsulares²⁰ e a Este dos Pirenéus²¹. Do seu estudo, concluímos que a manutenção de relações de coabitação foi uma atitude relativamente comum aos clérigos seculares, catedralícios e paroquiais, da cristandade ocidental. Pese embora a raridade dos percur-

¹⁶ Era frequente o consórcio de leigos sem a celebração do matrimónio. Entre os motivos para que tal acontecesse poderia estar, por exemplo, a falta de dote. Vid. BAZÁN DÍAZ, «El modelo de sexualidad de la sociedad cristiana medieval: norma y transgressión», pp. 183-186; J. MATTOSO, «Barregão-Barregã: notas de semântica» e «A longa persistência da barregania», in *Naquele Tempo. Ensaio de História Medieval*, pp. 55-63 e 65-79.

¹⁷ Vid. MATTOSO, «A longa persistência», pp. 73-76 e OLIVEIRA, «A sexualidade», pp. 338-339.

¹⁸ No foral de Coimbra de 1179, «Et clericus (...) si <cum> muliere turpiter inventus fuerit, maiordomus non mittat manum in eum nec aliquo modo eum capiat, sed mulierem capiat si voluerit». Vid. M. H. COELHO, *O Município de Coimbra. Monumentos fundacionais*, Câmara Municipal, Coimbra 2013, doc. IV, p. 138. Sobre este assunto, veja-se também M. A. BEIRANTE, «As filhas de Eva nas cidades portuguesas da Idade Média», *O ar da Cidade. Ensaio de História Medieval e Moderna*, Edições Colibri, Lisboa 2008, p. 70.

¹⁹ Existem vários estudos sobre comunidades de clero secular português que nos permitem verificar esta prática. A título de exemplo, referimos as diferentes colegiadas de Torres Vedras (vid. A. M. RODRIGUES, «As colegiadas de Torres Vedras nos séculos XIV e XV», in *Espaços, Gente e Sociedades no Oeste. Estudos sobre Torres Vedras Medieval*, Patrimonia Historica, Cascais 1996, pp. 230-232), e o cabido da Sé de Braga [vid. M. A. COSTA, «Os cónegos da Sé de Braga e a sociedade local (1245-1278)», *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 13-14 (2001-2002), pp. 55-56].

²⁰ Para os reinos medievais que, hoje em dia, correspondem ao território espanhol destacamos os exemplos de Calahorra [vid. J. MUÑO ABAD, «La castidad del clero bajomedieval en la diócesis de Calahorra», *História. Instituciones. Documentos*, 20 (1993) 261-282 e T. SÁENZ DE HARO, «Aspectos de vida cotidiana entre los capitulares de la catedral de Calahorra durante los siglos XII y XIII», *Kalakorikos*, 10 (2005) 151-194, especialmente pp. 160-162], de Toledo [vid. M. LOP OTÍN, «Un grupo de poder nos finais da Idade Média: os cónegos da Catedral de Toledo», *Anuario de Estudios Medievales*, 35, 2 (2005) 635-669, especialmente pp. 657-662]. Com base na análise dos sínodos, reconhece-se esta situação em Murcia [J. ORTUÑO MOLINA, «Aspectos de la sociedad murciana bajomedieval através de la literatura sinodal», *Miscelánea Medieval Murciana*, XXIII-XXIV (1999-2000) 99-140, especialmente pp. 126-129] e em Sevilha [S. PÉREZ GONZÁLEZ, «Clérigos en Sociedad: el despliegue vital del clero secular andaluz en la Baja Edad Media», *Edad Media. Revista de Historia*, 10 (2009) 275-305, especialmente pp. 280-281].

²¹ Vid., a título de exemplo, D. VIAUX, *La vie paroissiale à Dijon à la fin du Moyen Âge*, Éditions Universitaires de Dijon, Dijon 1988, pp. 133-135.

sos biográficos em que o possamos comprovar, julgamos que a comunidade de Santa Justa de Coimbra, que aqui analisamos, não constituiu uma exceção a essa tendência.

2. A COMUNIDADE ECLESIASTICA DE SANTA JUSTA DE COIMBRA

Constituída como colegiada²² desde, pelo menos, os finais do século XII, a igreja de Santa Justa²³ assumia a tutela de uma das nove paróquias de Coimbra²⁴. A sua estrutura capitular era composta por cerca de uma dezena de beneficiados organizados segundo uma hierarquia simples, pela qual a única dignidade prevista correspondia ao prior. Este eclesiástico, responsável pela *cura animarum* da comunidade dos fregueses e pela representação do cabido em assuntos espirituais e temporais, tinha, obrigatoriamente, de estar investido de ordens sacras. Para além de um prior e dos raçoeiros, a colegiada de Santa Justa contava com um conjunto de clérigos auxiliares, constituído por capelães e clérigos de missa. A gestão do quotidiano nesta igreja, previa ainda a coadjuvação de outros elementos, como um tesoureiro e um escrivão²⁵.

Na paróquia que funcionava, no interior da cidade, como uma célula de enquadramento territorial e social da população, o cabido da igreja colegiada era responsável pela condução da vida espiritual da população laica. O prior e restantes eclesiásticos representavam o primeiro elemento de intercessão com o divino, cabendo-lhes, assim, a administração dos sacramentos²⁶, o zelo pela salvação da alma dos seus paroquianos, vivos e já falecidos. Tais responsabilidades exigiam destes homens uma conduta específica, desde logo, comprometida com o cumprimento dos preceitos religiosos e das diretrizes da Igreja relativamente à conduta e ao comportamento a assumir pela clerezia. Por outro lado, as incumbências pastorais inerentes à sua condição exigiam que estes se demarcassem da sociedade envolvente, cuja espiritualidade tutelavam, e perante a qual deveriam exercer a sua autoridade moral²⁷.

²² Para um breve esclarecimento sobre as características de uma igreja colegiada, vid. A. MASSONI-HUBERT, «Qu'est-ce qu'une Collégiale?», in M. FOURNIÉ, *Les Collégiales dans le Midi de la France au Moyen Âge*, Centre d'Études Cathares, Carcassonne 2003, pp. 13-16.

²³ Sobre esta colegiada e paróquia de Coimbra, vid. M. A. CAMPOS, *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*, Faculdade de Letras, Coimbra 2013.

²⁴ Para um enquadramento histórico deste núcleo urbano, na Idade Média, vid. L. VENTURA, «Coimbra Medieval: uma cidade em formação», in A. ALARCÃO (coord.), *Colecção de ourivesaria medieval, séculos XII-XV*, Instituto Português de Museus, Lisboa 2003, pp. 15-29; M. H. COELHO, «Coimbra Medieval: uma cidade em formação», in *Ibid.*, pp. 29-47; S. GOMES, «Coimbra – Aspectos da sua paisagem urbana em tempos medievos», *Biblos*, 4 (2006) 125-163; e M. A. CAMPOS, «O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV», *Revista Portuguesa de História*, 41 (2010) 157-174, (http://www.academia.edu/1752010/O_rural_e_o_urbano_nas_freguesias_de_Coimbra_nos_séculos_XII_e_XIV, consultado em 2013.10.21).

²⁵ Sobre os vários aspectos da estrutura e hierarquia do cabido de Santa Justa, vid. CAMPOS, *Santa Justa*, pp. 177-219.

²⁶ A pastoral de cada paróquia e, no seu interior, a ritualização e administração dos sacramentos eram elementos fundamentais para a vivência comunitária da fé católica, para a sua consolidação e afirmação, vid. D. IOGNA-PRAT, «Socialiser la foi. Une esquisse de parcours ecclésial», *BUCEMA [En ligne]*, Hors-série 7 (2013) <http://cem.revues.org/13140>.

²⁷ Na verdade, a legislação pontifícia actuou, durante toda a Idade Média, contra «o universo

Tal pressuposto, levou-nos a inquirir as estruturas da colegiada acerca da proveniência social e geográfica dos seus beneficiados, assim como dos seus níveis de formação e da observância da moralidade estabelecida pelos princípios da Igreja Católica. No seu conjunto, essa análise permite-nos concluir que, de um modo geral, o corpo eclesiástico que compunha a colegiada de Santa Justa não se diferenciava muito da população deste centro urbano. De um modo geral, os seus beneficiados, com percursos mais documentados, permitem-nos perceber que o recrutamento desta igreja se fazia, na maioria dos casos, dentro da diocese de Coimbra e por entre camadas sociais pouco influentes e pouco abastadas. Ainda assim, encontramos alguns elementos provenientes da nobreza a usufruir deste benefício, normalmente, num momento anterior à obtenção de uma ração ou prebenda mais proveitosa, por exemplo, no cabido da catedral de Coimbra. As rações de Santa Justa poderiam também ser adscritas por reserva pontifícia a clérigos que, em grande parte das vezes, nunca chegariam a integrar as suas estruturas, uma vez que nos chegaram poucos vestígios do seu assento no coro²⁸.

A partir de uma análise prosopográfica desta comunidade, apercebemo-nos ainda da frequência com que o prior e os raçoeiros de Santa Justa estabeleciam laços de sociabilidade com a população laica que os circundava. Com efeito, para além de identificarmos diversas relações familiares, ascendentes e colaterais, pudemos referenciar um conjunto significativo de indivíduos de ambos os sexos que compunham uma rede de relações económicas e/ou de sociabilidade, em torno da comunidade eclesiástica desta igreja. Procuradores, compadres e testamenteiros laicos demonstravam como, para além das relações de confiança e solidariedade estabelecidas *inter pares*, no interior do cabido, estes religiosos se integravam no meio laico envolvente. Não se diferenciando muito dele, por um lado, mas assumindo-se, por outro, como indivíduos a quem convinha prestar os melhores serviços para granjear os melhores favores²⁹.

Nas redes clientelares que assim se estruturavam, encontramos as sargentes dos beneficiados de Santa Justa, cujo papel e função na vida destes homens procuraremos esclarecer. Entre 1368 e 1446, identificamos sete sargentes, referidas relativamente ao serviço de quatro priores, de dois raçoeiros e de um tesoureiro. O teor dos documentos onde estas mulheres surgem identificadas não são esclarecedores quanto à sua inserção social e familiar, nem tão pouco nos permitem compreender a origem da relação destas com os beneficiados de Santa Justa. A análise das referências a estas sargentes permitirá, em alguns casos, inferir acerca do tipo de relação estabelecida entre elas e os religiosos dessa igreja. É dessa análise que nos ocuparemos de seguida.

3. AS SARGENTES DOS BENEFICIADOS DE SANTA JUSTA

Das sete mulheres que encontramos, com maior ou menor frequência, na vida dos religiosos de Santa Justa de Coimbra, duas delas surgem-nos em ocorrências muito esporádicas, referenciadas, apenas, como «criadas». Ora, como bem se sabe, a desig-

vital comum a clérigos e laicos», considerando que os primeiros se deveriam destacar dos segundos, cf. T. SÁENZ DE HARO, «Aspectos de vida cotidiana», especialmente as páginas que dedica às relações entre clérigos e laicos.

²⁸ Vid. CAMPOS, *Santa Justa*, pp. 221-226.

²⁹ Vid. CAMPOS, *Santa Justa*, pp. 232-245.

nação de criada é polissêmica uma vez que, ao contrário de sargente, reporta-se ao conceito de criação³⁰. Assim, para além de poder referir o vínculo laboral, criada podia ser uma mulher que foi criada pelo clérigo em questão, interligando-se ambos os significados. Claro que, no contexto que aqui estudamos, as concubinas também poderiam ser chamadas desta forma, mas, no caso concreto destas duas mulheres, criadas do tesoureiro João Afonso (1359-1381)³¹ e do prior Vasco Afonso (1406-1440)³², não colhemos qualquer informação que nos permita caracterizar as relações que protagonizavam e, muito menos, considerá-las de concubinagem.

Nos outros casos, porém, a situação específica em que estas mulheres surgem na documentação da colegiada leva-nos a inferir situações de coabitação. Tal aconteceu quando, após a morte do prior Afonso Lourenço (1387-1403), a sua sargente Franca Vicente renunciou a um prazo que tinha de casas de Santa Justa, localizadas no seu adro³³. Do mesmo modo, no ano de 1446, Clara Anes, sargente do raçoeiro Gil Vicente, já falecido, renuncia ao prazo de uma casa com cortinhal, localizada, também esta, no adro de Santa Justa³⁴. O adro de uma igreja detinha uma função central na sua paróquia, mas, nos séculos que aqui analisamos³⁵, ele era, em primeiro lugar, o local de residência dos membros do clero afecto à respectiva igreja. Por essa razão, julgamos que estas mulheres fossem as segundas enfiteutas de prazos de casas, contraídos pelos referidos beneficiados, onde ambos teriam habitado em conjunto.

Neste estudo, as duas relações que nos resta caracterizar merecer-nos-ão maior detalhe e cuidado. Num dos casos, o concubinato eclesiástico é comprovado, também, pela referência à coabitação; no outro, por uma situação clara de transferência de herança. As linhas que se seguem apresentam cada uma das situações vivenciadas, respectivamente, pelo prior João Lourenço (1348-1378) e pelo prior Rodrigo Anes (1378-1387†).

a. O prior João Lourenço e Aldonça Rodrigues

O clérigo João Lourenço, reconhecido na estrutura capitular de Santa Justa entre 1334 e 1378³⁶, seria proveniente da diocese de Toulouse e terá sido um dos poucos ecle-

³⁰ Vid. J. VITERBO, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*, A. J. Fernandes Lopes, Lisboa 1865, s.v. «criação» e «criado» (<http://purl.pt/13944>, consultado em 15.10.2013).

³¹ Falamos de Margarida Lourenço, vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 3, n. 47 (1368. 11.16).

³² Referenciamos Margarida Afonso, vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 26, n. 554 (1431.06.13).

³³ Referenciamos esta mulher, desde 1388. No entanto, quando é identificada como sargente do prior Afonso Lourenço, tudo leva a crer que este já tivesse falecido. Vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 35, n. 804 (1403.08.06) e m. 33, n. 758 (1408.03.02).

³⁴ Vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 30, n. 733 (1446.05.21).

³⁵ Note-se que o preceito de vida comunitária dos elementos do cabido, dentro das estruturas da igreja, tinha sido, já nesta época, substituído pela sua residência em casas próprias, o mais perto possível da igreja para que pudessem ouvir os sinos e acorrer às diferentes cerimónias do quotidiano litúrgico. Sobre a função dos adros na cidade medieval portuguesa, vid. L. TRINDADE, *Urbanismo na Composição de Portugal*, Faculdade de Letras, Coimbra 2009, pp. 719-722. Para uma breve apresentação dos bairros de religiosos dentro da cidade medieval portuguesa, vid. A. COSTA, «Espaço urbano», in J. MATTOSO (dir.), *História da Vida Privada em Portugal*, op. cit., p. 32.

³⁶ Vid. CAMPOS, *Santa Justa*, vol. II, notícia biográfica 6.

siásticos que, colados no cargo por benefício pontifício, neste caso, do papa de Avinhão João XXII, ocupou efectivamente o seu lugar no cabido de Santa Justa. Com efeito, em 1348, ano em que a Peste Negra terá vitimado o prior desta igreja, bem como uma parte significativa dos elementos do seu cabido, João Lourenço foi eleito para o cargo³⁷.

Em vida, são vários os criados e *homens* que identificamos ao seu serviço, mas é depois da sua morte que temos conhecimento de que teria partilhado morada com Aldonça Rodrigues, sua sargente. Isto porque, alguns meses depois do desaparecimento deste prior, a referida criada, juntamente com o seu marido, foi citada perante a audiência episcopal para fixar por escrito o limite de uma janela da casa onde habitavam, a qual tinha uma localização contígua ao curral das casas do priorado. Tal casa tinha sido comprada por Aldonça Rodrigues que «vivendo asy a dicta Aldonça Rodrigues com o dicto Joham Lourenço, prior que foy da dicta egreja, abrira e rompera na parede das dictas casas hum portal e outros buracos e (...) hũa ganella per os quaes (...) João Lourenço prior e a dicta Aldonça Rodrigues se serviam para as casas e curral do priorado da dicta egreja»³⁸.

Ora, as casas do priorado de Santa Justa constituíam um complexo habitacional anexo a esta igreja, composto por várias estruturas: casa de habitação, cortinhal, curral, entre outras³⁹. Embora tenhamos poucas referências a esse respeito, supomos que o prior de Santa Justa terá fixado residência, nessas casas, até inícios do século XV⁴⁰. Pela sentença que acabámos de referir, a compra de uma casa contígua aos currais da mesma e a posterior abertura de um portal leva-nos a entender um processo de alargamento das casas do priorado, através da anexação de uma nova estrutura. Mais ainda, a forma como esta situação é apresentada perante o vigário geral do bispo esclarece-nos acerca da coabitação do referido prior com a sua criada. Após a morte do prior, o facto de a casa contígua aos currais da casa do priorado passar a ser habitada por Aldonça Rodrigues e pelo seu marido obrigou à eliminação das referidas aberturas, as quais impediam a devida separação entre ambos os imóveis e a sua respectiva privacidade⁴¹.

b. O prior Rodrigo Anes, Maria Anes e o criado Álvaro Rodrigues

Vejamus agora o caso do prior Rodrigo Anes, cujo percurso conhecemos para um período compreendido entre 1375 e 1387, ano da sua morte. Este eclesiástico seria proveniente da região de Coimbra e aí recebeu o benefício de outras igrejas. Assim, por altura da sua eleição como prior de Santa Justa, era prior do mosteiro da Vacariça (c. da Mealhada)⁴².

³⁷ Vid. *Ibid.*, doc. 8.

³⁸ Vid. *Ibid.*, doc. 12.

³⁹ É conhecido o carácter multifacetado da casa medieval portuguesa que, não raras vezes, poderia ser composta por várias estruturas. Sobre este assunto, vid. L. TRINDADE, *A Casa Corrente em Coimbra: dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*, Câmara Municipal, Coimbra 2002.

⁴⁰ Vid. CAMPOS, *Santa Justa*, vol. I, p. 193-194.

⁴¹ A propósito do controlo das medidas das janelas, nomeadamente, nos edifícios próximos das igrejas, vid. A. COSTA, «Espaço urbano», in J. MATTOSO (dir.), *História da Vida Privada em Portugal*, op. cit., pp. 34-35.

⁴² Vid. CAMPOS, *Santa Justa*, vol. II, notícia biográfica 7.

O conteúdo do seu testamento, redigido em Setembro de 1387⁴³, informa-nos acerca do seu enquadramento familiar e social. Com efeito, damos conta dos legados por alma da sua mãe, de uma tia e de um primo, ao mesmo tempo que verificamos a inclusão, neste documento, de um criado e da mãe deste. Nesse mesmo documento, Rodrigo Anes destinava a renda dos seus bens de raiz à colegiada de Santa Justa onde instituiu seis aniversários pela sua alma e pela dos seus familiares. A gestão desse conjunto patrimonial ficava a cargo do seu testamenteiro, Rui Lourenço, deão da Sé de Coimbra, e seu «speçial amigo»⁴⁴.

À parte essa determinação mais significativa que tinha em vista a salvação da sua alma, o prior estabelecia, outras duas doações. Ao criado Álvaro, entregava parte da sua roupa de cama e todo o recheio da sua casa, à excepção das pratas, que sabemos ter legado à colegiada de Santa Justa⁴⁵. Como motivo para tal acção, o prior fez registar que o fazia por esmola de sua alma, para que aquele se criasse e aprendesse. A mãe deste, Maria Anes, que já anteriormente referenciámos como sua sargente, fez entregar um terço da sua roupa de cama. Mais do que o valor material que tais bens pudessem representar, é o carácter simbólico dos mesmos que nos chama a atenção para o papel destes dois donatários, na vida do referido prior. O recheio da casa ou a roupa de cama são conjuntos de objectos pessoais, que serviriam este clérigo, na intimidade do seu lar e do seu leito. É calculável que este os legasse a quem, durante a sua vida, teria partilhado esse espaço e esses momentos consigo. De resto, este tipo de doações, aos criados é uma atitude verificada com frequência, por outros autores, quer em testadores laicos⁴⁶, quer em testadores eclesiásticos⁴⁷. Deles não se pode inferir, automaticamente, a existência de relações de concubinato, mas tudo nos leva a crer que tais legados assinalassem relações estreitas de confiança e intimidade.

Todavia, a convicção de estarmos perante o filho e a companheira do falecido prior resulta da análise de duas doações póstumas, realizadas por Rui Lourenço, testamenteiro, já referido. A primeira, outorgada alguns meses depois da morte de Rodrigo Anes, selava a transferência de uma casa em Coimbra, na Rua de Coruche, e de 2 olivais, no aro dessa cidade – bens que integravam o conjunto patrimonial do falecido prior –, para a posse de Maria Anes⁴⁸. Por esse acto, fazia-se apenas a salvaguarda de que tais bens passassem para o seu filho⁴⁹ o qual, neste documento é chamado, pela primeira

⁴³ Vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 3, n. 54 (1387.09.12).

⁴⁴ Esta expressão surge num documento de 1390, que analisaremos de seguida, vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 1, n. 46. A partir de 1386, Rui Lourenço será também desembargador régio, vid. A. HOMEM, *O Desembargo Régio (1320-1433)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 1990, biografia 218.

⁴⁵ No inventário da prata da igreja de Santa Justa referem-se objectos doados por este prior, CAMPOS, *Santa Justa*, vol. II, doc. 10.

⁴⁶ Vid. M. C. FERREIRA, «Roupas de cama e roupas do corpo nos testamentos de Guimarães (1250/1300)», *Revista da Faculdade de Letras*, 2/14 (1997) 33-63.

⁴⁷ J. SEQUEIRA, «O fim da linha. Legados têxteis nos testamentos do clero catedralício português (1280-1325)», *O Clero Secular Medieval e as suas Catedrais. Novas Perspectivas e Abordagens*, Centro de Estudos de História Religiosa, Lisboa 2014, p. 337-368.

⁴⁸ Vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 36, n. 821 (1388.05.16).

⁴⁹ Neste documento, especificava-se que, depois da sua morte, estes bens ficassem a seu filho Álvaro Rodrigues e, que quando se acabasse a linhagem ficassem para a colegiada de Santa Justa.

vez, de Álvaro Rodrigues, citando-se assim, pela primeira vez o seu patronímico que, à partida, esclarece a sua filiação.

Em Maio de 1390⁵⁰, precisamente dois anos depois dessa doação, o mesmo Rui Lourenço transferia um vasto conjunto patrimonial⁵¹ que designava, simplesmente, por bens de raiz do falecido prior de Santa Justa, Rodrigo Anes. Desta vez, o donatário era Álvaro Rodrigues, criado do prior já falecido. Quase três anos volvidos após a morte de Rodrigo Anes, presumimos que esta última doação se fizesse, por ventura, por altura da maioridade do seu criado. Neste acto, dizia-se que tal doação se fazia, considerando a muita «criança» que Rodrigo Anes tinha de Álvaro Rodrigues. Rui Lourenço acrescentava, ainda, que, antes da sua morte, Rodrigo Anes lhe pedira, pessoalmente, que olhasse por Álvaro que o criasse e fizesse dele um «bom homem», por este ser órfão de pai e pobre.

A transferência, intermediada pelo deão da Sé de Coimbra, da quase totalidade do património de Rodrigo Anes para o seu criado Álvaro, filho de Maria Anes, leva-nos a concluir a existência de uma ligação de conjugalidade e paternidade. Não restam grandes dúvidas quanto a estarmos perante uma estrutura em tudo semelhante a uma relação familiar de tipologia nuclear: um casal com um filho.

Assim, tal como o que tínhamos visto para João Lourenço, a referência a uma sargente remete-nos para um segredo que, após a morte do clérigo, acaba por ser revelado. Com efeito, após a morte dos visados, apesar de se continuar a usar a terminologia de sargente e/ou criado, quando necessário, as situações de coabitação acabam por ser reveladas assim como as de filiação.

CONCLUSÃO

Antes de encetarmos o estudo das relações de concubinato protagonizadas pelos beneficiados de Santa Justa de Coimbra, percebemos como estes não se demarcavam significativamente da comunidade laica em que se inseriam. Nem a sua origem geográfica nem a sua inserção socio-económica diferia muito do tecido social desta paróquia urbana, habitada por artesãos, comerciantes, oficiais régios e concelhios. Ora, em alguns casos, tal diferença também não se assinalava pelo seu modo de vida. A residência em casa própria, na companhia de uma mulher e, possivelmente, dos seus filhos, assemelhavam-nos aos cabeças de casal laicos.

Porque na origem deste estudo esteve a temática do segredo, notámos que, em todos os casos aqui apresentados, a notícia de tal coabitação só nos chega por documentos posteriores à morte dos referidos eclesiásticos. Como se, depois da sua morte, o carácter público da sua transgressão já não pudesse agravar a natureza desse pecado. Só nessa fase se percebia o segredo. Se, por um lado, a sociedade laica e eclesiástica parecia conviver de forma mais ou menos natural com este desvio à norma estabelecida, por outro, havia a preocupação de o ocultar, nos documentos escritos. Por outras palavras, se a forma como o deão da Sé de Coimbra identificou Álvaro Rodrigues enquanto filho do prior Rodrigo Anes e de Maria Anes é reveladora dessa naturalidade, na maioria das

⁵⁰ Vid. ANTT, Col. S. Justa, m. 3, n. 46 (1390.05.09).

⁵¹ Englobava prédios de características variadas em Coimbra, Montemor-o-Velho, Vila Nova de Anços, Soure e Leiria.

vezes, porém, tais relações eram invocadas de maneira mais camuflada. Nesse contexto, a designação de sargente, de criada ou de criado era, de facto, o disfarce mais comum para situações de concubinato e para a identificação de filhos.

Sobre o papel real da sargente na vida dos beneficiados de Santa Justa, ficou claro que esta não seria, sempre, uma mera funcionária de quem dependia a boa gestão, o abastecimento, a higiene e o conforto do lar. De acordo com a análise da relação entre os dois priores de Santa Justa e as suas sargentas, percebemos que estas poderiam ser, também, companheiras com quem se dividia a casa e se partilhava, muito mais do que um quotidiano doméstico, uma vida em comum e uma descendência.

FIDEM's 5th European Congress of Medieval Studies took place in Porto, Portugal, from 25th to 29th June 2013 under the title *Secrets and Discovery in the Middle Ages*. The Congress set out to discuss the presence and importance of secrets in the spheres of imagination, culture, thinking, sciences, politics, religion, and everyday life during the Middle Ages (from the onset of the 6th to the middle of the 16th century). The Congress was designed to promote discussion on secrets and discovery in all the domains of Medieval Studies, in any medieval language, and in a wide array of subjects: Confession and Intimacy; Conspiracy and Betrayal; Government and Diplomacy; Health and Life; Hermeticism and Transmutation; Holiness and Relics; Knowledge and Scepticism; Mysticisms and Kabbalah; Nature and the Supernatural; Past and Future; Planets and Harmony; Prophecy and Divination; Sermons and Preaching; Symbols and Dreams; Truth and Fakes; Unknown Worlds and Lost Places; Warfare and Strategy. In the tradition of FIDEM's meetings, the Congress enjoyed a very high attendance, with addresses delivered on all these domains, of which the present volume includes only a part submitted to and selected by a specialised committee.

Contributors: C. Belo; P. Biller; P. Bourgain; E. Montero Cartelle – M. C. Vázquez de Benito; and J. I. Andújar Cantón; S. Allés Torrent; S. Balibrea González; L. A. Berto; M. L. Botelho; M. I. Cabrera Ramos; M. A. A. Campos; H. A. de Carvalho; C. S. S. Correia; M. Cruz Trujillo; M. M. R. Dias; A. Espigares Pinilla; A. Estefânio; M. A. Fornés Pallicer; A. Fossier; S. Gala Pellicer; M. Garcia-Amoros; A. García Leal; A. Gómez Rabal; D. M. González Doreste; T. Horst; C. Martínez Carrasco; I. Mata; C. Martín Puente; F. M. Plaza Picón; J. Plumtree; O. Prieto Domínguez; M. Puig Rodríguez-Escalona; P. J. Quetglas; E. Rabaçal; A. Rei; C. Romano; P. Saquero Suárez-Somonte; S. Segovia Esteban; J. Soto Chica; C. Teleanu.

This volume is dedicated to the memory of the late Olivia Remie Constable (1961-2014).

Cover: *Adam and Eve still in Paradise*. © Porto, Biblioteca Pública Municipal, ms. Geral 619 (Santa Cruz 87), [15th C.], f. 93r, detail.

